

UMA PROPOSTA INTERACIONISTA PARA O ENSINO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS) PARA ALUNOS OUVINTES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Deyse Cristina Barbosa ¹
Geisa Letícia Kempfer Bock ²

RESUMO

É proposta dos documentos oficiais que o ensino da língua materna, no caso dos ouvintes a língua portuguesa, escrita/falada sejam tratadas desde os anos iniciais do ensino fundamental. Por meio da língua as crianças conseguem se comunicar, expressar opiniões, sentimentos, compartilhar experiências e aprendizados e é através dela que as interações sociais se intensificam e se tornam mais significativas. Vygotsky defende que o homem é um ser social e essas relações/interações nos constituem e nos tornam sujeitos mais atuantes na sociedade. É notório o poder da comunicação por meio da língua. Em contraposição nos deparamos com estudantes surdos que enfrentam barreiras comunicativas significativas, isso ocorre pois não utilizam como forma de comunicação a língua majoritária - o português. A língua materna, a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) ainda carece de reconhecimento e valorização, prova disso que as interações surdos/ouvintes costumemente tornam-se limitadas ao intérprete de Libras, sendo este um dos únicos interlocutores que pode oferecer uma troca dialógica com o estudante surdo. Este trabalho, recorte da pesquisa de mestrado, tem como objetivo propor o ensino da Língua Brasileira de Sinais, para os estudantes ouvintes através de projetos nos anos iniciais do ensino fundamental I com a finalidade de tornar suas relações com colegas surdos mais efetivas e significativas. O ensino da língua brasileira de sinais às turmas regulares desde os primeiros anos escolares, tornam-se aliadas e facilitadoras no processo de interação social, além disso faz com que estudantes ouvintes, identifiquem os colegas surdos como sujeito de língua e cultura diferente. Uma sociedade inclusiva começa com uma escola que considere as singularidades, valorizar a língua materna do estudante surdo é essencial para que ele se torne mais atuante nas suas relações interpessoais.

Palavras-chave: Comunicação, Língua Brasileira de Sinais, Ouvintes.

INTRODUÇÃO

Analisar o passado é um processo importante para a reflexão no presente e direcionamento para o futuro. A educação para surdos passou por diversos momentos de tensões e opressões, a história relata que até mesmo foram rotulados como ineducáveis, incapazes de aprender (CIBELERARIS, 2012). A trajetória dos surdos em busca do reconhecimento da sua língua foi fruto de muita luta e movimentos intensos até chegarmos em seu marco com a

¹ Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Leonardo da Vinci-UNIASSSELVI, Mestranda em Educação Inclusiva, PROFEI- UDESC Email: dev_se@hotmail.com

² Doutora em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, Professora da Universidade do Estado de Santa Catarina/UDESC, Santa Catarina. Orientadora. geisabock@gmail.com

legislação aplicada à Língua Brasileira de Sinais – Libras, através da Lei nº 10.436, de 24 de Abril de 2002, que estabelece o reconhecimento da LIBRAS como uma língua visuo-gestual utilizada comumente pelas comunidades Surdas, a lei institui que:

Art. 1º - É reconhecida como instrumento legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e outros recursos de expressão a ela associada. Parágrafo único - Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, formam um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, originários de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Reconhecer a língua de sinais, sua completude linguística e utilizá-la “favorece o acesso a conceitos e conhecimentos que se fazem necessários para sua interação com o outro e o meio em que vive; suas dúvidas e temores perante o mundo diminuem, e o prazer de viver com os ouvintes aumenta de forma viva na comunicação” (Alves e Frassetto, 2015, p. XX).

Sendo assim, a língua brasileira de sinais é essencial para o desenvolvimento integral dos estudantes surdos, sobre isso e embasado em Vygotsky, Goldfeld (1997) indica que

A história dos surdos comprova as idéias de Vygotsky e Bakhtin quanto à importância da linguagem no desenvolvimento do pensamento e da consciência, mostrando também que a sua aquisição pela criança deve ocorrer através de diálogos, conversações, já que, sem uma língua de fácil acesso, os surdos não conseguiriam participar ativamente da sociedade (1997, p.159).

Compreender o quanto a língua é importante nos processos de interação nos auxiliam a ter uma visão acerca da importância dela nas interações no ambiente escolar e também perceber as fragilidades que encontramos nele. Atualmente, poucas escolas ou espaços de educação formal têm oferecido aulas de Libras aos estudantes ouvintes, e essa realidade faz com que as interações surdos/ouvintes costumeiramente tornem-se limitadas às mediações com os intérpretes de Libras.

Góes (1996) destaca a consolidação da linguagem como um problema social:

Os problemas tradicionalmente apontados como característicos da pessoa surda são produzidos por condições sociais. Não há limitações cognitivas ou afetivas inerentes à surdez, tudo dependente das possibilidades oferecidas pelo grupo social para seu desenvolvimento, em especial para a consolidação da linguagem (Góes, 1996, p.38).

Diante desse panorama, propomos para este artigo uma revisão bibliográfica que contribua para compreender as contribuições na aquisição da língua de sinais para estudantes ouvintes, e que esteja pautada em estudos já realizados, buscando trabalhos, relatos de projetos e práticas efetivadas em escolas básicas, as quais dialoguem com o objetivo do estudo.

METODOLOGIA

A pesquisa bibliográfica foi realizada através de uma abordagem qualitativa, pois objetivou analisar o conteúdo nas produções científicas acerca da aquisição da Língua Brasileira de Sinais (Libras) por ouvintes em escolas comuns.

Para Neto e Castro (2017, p. 82-83) “[...] o que nos motiva pesquisar algo advém das experiências de vida, sejam pessoais e/ou profissionais, do contexto sociopolítico e econômico vivenciado e das lacunas existentes nas investigações científicas”. O tema abordado tem sido instrumento de muitos questionamentos, sendo os principais: os efeitos do ensino da língua de sinais para ouvintes.

Para este tipo de pesquisa foram realizadas diversas leituras utilizando a técnica de roteiro de leituras direcionadas ao tema. Com o objetivo de analisar o material documental, e assim interpretar os dados. FONTELLES, et. al. (2009) cita:

Para tornar o processo de revisão mais produtivo, o autor da pesquisa deverá adotar uma postura metódica, sistematizada, inerente à pesquisa bibliográfica, a qual é baseada na literatura publicada em forma de livros, em revistas especializadas, escritas ou eletrônicas; em jornais e revistas, em sites da Internet, especializados ou de busca etc.

REFERENCIAL TEÓRICO

Discorrido sobre a importância da língua de sinais e sabendo que a língua é a forma mais expressiva da cultura surda, com o presente artigo direcionaremos para as contribuições do autor Carlos Skliar acerca do processo de escolarização no desenvolvimento do estudante surdo e, concomitante, as análises de escolas que ensinam Libras às crianças ouvintes por meio de aulas/oficinas.

A chegada de uma criança surda ao ambiente escolar é cercada de inseguranças e questionamentos em derredor das trocas dialógicas. Ao passo que a criança cresce e os processos comunicativos tornam-se mais complexos, as oportunidades de interação tornam-se

cada vez mais restritas e em geral necessitam de mediação de intérprete ou refletem a práticas excludentes, como a que Skliar (1998) define com termo “ouvintismo”:

Desouvintizar, ouvintismo, ouvintização constituem neologismos para descrever práticas colonialistas dos ouvintes que fazem que os surdos sejam obrigados a narrar-se, julgar-se e pensar-se como se fossem ouvintes. É nessa prática, justamente, que

muitos surdos se vêem a si mesmo como deficientes, incompletos, pseudo-ouvintes, etc. (Skliar, 1998)

O autor traz o conceito de ouvintismo, no entanto, embora existam poucas publicações a respeito, o audismo tem sido pontuado pela Comunidade Surda, como uma prática no cotidiano individual e coletivo. Segundo Hora (2020),

[...] o termo audism foi usado pela primeira vez pelo Surdo Tom Humphries, para significar os esforços de sujeitos ou da comunidade ouvinte para dominar Surdos/as, uma relação de opressão linguística e cultural. [...] Ao desenvolver uma pesquisa na Universidade Gallaudet, em 1975, [ele] cunhou o termo audism a partir de discussões com a comunidade, refletindo sobre minorias e experiências de controle ouvinte sobre as pessoas Surdas, baseando-se nos termos *sexism* e *racism*. Nesse sentido, ao observarem e refletirem coletivamente, sujeitos Surdos percebem que são oprimidos/as, assim como outros grupos sociais (HORA, 2020, p. 52).

Embora utilize-se com mais frequência o termo “ouvintismo” percebe-se a importância da análise do conceito de “audismo” que trata de uma questão social, de caráter estrutural de imposição social da normalização dos corpos surdos.

Essa prática permeia e assombra o ambiente escolar, e como resultado temos a busca pela normalidade, a medicalização para compensar a falta, e práticas terapêuticas que se dizem o caminho perfeito para a cura do surdo, fazê-lo ser mais “ouvinte” e “falante” da língua dominante tem sido a promessa de uma a solução para todos os problemas. Esta conjuntura, pautada em um modelo médico da deficiência, coloca o estudante em desvantagem, causa exclusão e dificulta o acesso ao currículo.

Embora este pensamento transpareça como algo distante e semelhante a antigas práticas de exclusão e sofrimentos, nos assusta pensar que ainda são atuais. Não há receita pronta para o ato de “incluir”, isso exige pensar no outro com suas diferenças e resignificar a visão do “eu” como alguém que também possui singularidades. É exaustivo presenciar práticas excludentes, mas ao mesmo tempo é renovador rever práticas que contribuem e acrescentam para o desenvolvimento e aprendizagem de todos. Para isso, com o presente estudo, busca-se analisar

dissertações que evidenciem práticas pedagógicas para o ensino da língua de sinais e que corroboram para a eliminação de barreiras linguísticas.

Após definir o tema, os objetivos e o problema de pesquisa, foi realizado um levantamento da literatura através do portal de Teses e Dissertações da CAPES, com direcionamento na produção na área que pudesse contribuir com o estudo desta pesquisa, não houve recorte temporal para a busca, sendo assim, o primeiro ano de publicação localizado foi o de 2017 e o último o de 2021. Fez-se necessário realizar um levantamento da literatura buscando identificar estudos correlatos, utilizando os conjuntos de descritores:

- *“Ensino”, “libras”, “ouvintes”.*

A seleção das Dissertações e Teses analisadas está descrita quadro a seguir:

TABELA 1

AUTORA	TÍTULO	ANO
Danielle Vanessa Costa Sousa	<i>“Reflexões sobre o ensino de Libras como L2 para crianças ouvintes no contexto de escolas regulares inclusivas.”</i>	2017
Roberta Dos Santos Messa	<i>“O ensino de Libras para crianças ouvintes: resultados de uma pesquisa-intervenção”.</i>	2018
Danielle Vanessa Costa Sousa	<i>“O ENSINO DE LIBRAS PARA CRIANÇAS OUVINTES: uma pesquisa etnográfica centrada na interação em sala de aula.”</i>	2021

FONTE: PRÓPRIA AUTORA

Após fazer a identificação das Dissertações e Teses nas buscas online na plataforma CAPES, foram lidos os títulos, resumos e as considerações finais daqueles mais próximos da intenção de pesquisa e então realizada a seleção dos estudos a serem incluídos para a análise. Foram selecionados três trabalhos, entre dissertações e teses, com estudos correlatos referente à temática o qual foi o objeto de estudo para este artigo.

2.1 Revisão de teses e dissertações, contribuições da língua de sinais no desenvolvimento do estudante ouvinte em escolas que favorecem o ensino de Libras.

Dissertação 1 - Reflexões sobre o ensino de Libras como L2 para crianças ouvintes no contexto de escolas regulares inclusivas.

No estudo “Reflexões sobre o ensino de Libras como L2 para crianças ouvintes no contexto de escolas regulares inclusivas” realizado por SOUSA (2017), a autora teve como objetivos principais: introduzir e aprimorar o ensino de Libras como L2 no contexto da educação infantil, explorando ideias do campo de metodologias de ensino L2 e nessas atividades, identificar os aspectos socioculturais e situacionais que se mostravam relevantes no processo. Para alcançar esses objetivos, a autora utilizou uma pesquisa-ação com abordagem qualitativa e empírica. O estudo de caso único foi realizado e desenvolvido no centro de Educação Infantil (CEI), no grupo 4/5B e envolveu crianças ouvintes, alunas do CEI, especificamente as do grupo 4/5B, uma acadêmica surda do curso de Letras-Libras, bolsista do projeto de extensão Libras e Infância; a professora responsável pelo grupo 4/5B; a pesquisadora (mestranda em linguística pela UFSC, autora do trabalho). Os resultados da pesquisa apontam que houve ganhos em termos linguísticos para os estudantes ouvintes e desmistificou a visão da professora responsável quanto a Libras, que passou a reconhecê-la de fato enquanto uma língua. Concomitante ao projeto desenvolvido pela pesquisadora, o projeto Libras na Creche (já em andamento na unidade) inseriu a diversidade no contexto escolar. Os resultados contribuíram para pesquisas que envolvem análise dos efeitos que o ensino da língua de sinais tem com estudantes ouvintes de turmas regulares de ensino. Como desafio, a autora cita que coordenar grupos com línguas distintas é desafiador, *“equilibrar a balança para que a língua majoritária não seja predominante exige esforço”*. A autora cita:

Em contextos bilíngues, inclusivos podem ocorrer desconfortos entre as línguas envolvidas, a partir da violação de uma língua pela outra, ou na colonização de um sujeito sobre o outro, ou na imposição de uma língua sobre a outra. [...] Podendo causar um apagamento da diferença na relação entre “nós” e os “outros” minoria. (SOUZA, 2017 APUD MASCIA E JUNIOR, 2014)

Destaca-se a importância de um contexto escolar bilíngue e correlaciona-se com os possíveis desafios deste, ela também destaca a relevância da construção de propostas pedagógicas, que contemplem o ensino de Libras como L2. A dissertação estudada, traz relevância ao meu projeto pois analisando-a foi possível notar “sensibilidades” que podem servir como alerta para a elaboração de um projeto que contemple uma proposta bilíngue que não “apague a minoria”, trouxe também contribuições no que diz respeito as dinâmicas e processos aplicados na trajetória da aplicação.

Dissertação 2 – O ensino de Libras para crianças ouvintes: Resultados de uma pesquisa de intervenção.

A pesquisa "O ensino de Libras para crianças ouvintes: Resultados de uma pesquisa de intervenção", de autoria de Roberta Messa(2018), teve como objetivos principais promover o ensino de Língua Brasileira de Sinais (Libras) para crianças ouvintes, com foco na mediação docente em brincadeiras como estratégia metodológica de ensino, verificando se as referidas estratégias colaboraram na aprendizagem para comunicação básica em Libras. Para alcançar esses objetivos, a autora realizou uma pesquisa de caráter qualitativo e intervencionista, trata-se de um relatório crítico-reflexivo que descreve e analisa os resultados de uma pesquisa-intervenção. A intervenção foi realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental (EEEF) Eduardo Vargas que é integrante da Rede Pública Estadual de Ensino, do Estado do Rio Grande do Sul (RS), localizada na cidade de Alegrete, com a participação de vinte e um estudantes do primeiro ano do Ensino Fundamental, com faixa etária entre cinco e seis anos de idade que se encontravam em fase inicial de letramento. Os resultados da pesquisa apontam que os estudantes demonstravam desconhecimentos e crenças sobre a Libras e sobre o sujeito surdo, porém, ao decorrer da dinâmica aplicada pela pesquisadora os estudantes começaram a apresentar compreensão dos sinais atribuindo significado, formulavam sentenças, realizavam posicionamentos sobre a Libras e o sujeito surdo. Alcançando assim os objetivos tratados pela pesquisa, pois, as estratégias colaboraram na aprendizagem para a comunicação básica em Libras. Os resultados da pesquisa têm contribuições importantes ao apresentarem reflexões sobre as possibilidades de ensino de Libras para crianças ouvintes no espaço escolar, levando em consideração o brincar como estratégia metodológica e a mediação docente nesse processo. A pesquisa aponta para a necessidade social que envolve o ensino de Libras e que deve ser discutida no âmbito educacional e científico. Pesquisas a respeito do tema são incipientes mas essenciais para análise dos benefícios e fragilidades desse processo de aquisição linguística para os ouvintes. A dissertação de Roberta Messa traz contribuições relevantes para a minha pesquisa pois trata do ensino de Libras de maneira lúdica, através de brincadeiras e com mediação docente. A autora cita:

O brincar dirigido possibilita o desenvolvimento da criança, a preparação do ambiente, a forma como organizam-se as ações da professora, são determinantes no processo lúdico [...] Dessa forma, a escolha das brincadeiras foi realizada com objetivos diferentes de acordo com o proposto para cada aula. (MESSA, página 96, 2018)

A dissertação mostra em diversos momentos que o aprendizado da Libras através de brincadeiras forma é mais natural e agradável, um modo pelo qual a língua é mais facilmente

aprendida pelas crianças pequenas. Esse dado abre possibilidades para futuras investigações nesse campo.

TESE 3 – O ensino de Libras para crianças ouvintes: uma pesquisa etnográfica centrada na interação em sala de aula.

Danielle Sousa (2021) em sua tese “O ensino de Libras para crianças ouvintes: uma pesquisa etnográfica centrada na interação em sala de aula”, realizou observações em de episódios de interação entre uma professora surda e crianças ouvintes. Ela traçou teve como objetivos principais do seu estudo investigar de que modo o uso da linguagem se estabelecia nas aulas de Libras da turma do 5º ano da EEEL. O estudo de caso foi realizado com uma turma de 5º ano do ensino de Libras da EEEL (Escola Experimental Emmanuelle Laborit) com a participação de 1 professora surda, turma de estudantes ouvintes e a pesquisadora. Os resultados da pesquisa apontam que as práticas implementadas pela Escola Experimental Emmanuelle Laborit tem caráter pioneiro no Brasil. E, através dessas ações existe um processo que caminha na direção de abertura de concursos para professores efetivos de Libras, de contratação de professores surdos, e incorporação da Libras como língua adicional obrigatória no currículo do ensino fundamental, processos esses que caminham para a construção de uma sociedade igualitária entre as pessoas surdas e ouvintes. Algumas fragilidades também foram perceptíveis como por exemplo a importância do monitoramento das falas das crianças que se mostravam inacessíveis à professora, possibilitando debate acerca da formação de professores e intérpretes de línguas de sinais. A pesquisa aponta para a reflexão de que a implantação da disciplina de Libras para (crianças) ouvintes que não podem ser vislumbrados apenas com base em discussões de natureza macro política e social. Além disso, os resultados fornecem subsídios para a elaboração de estratégias e políticas públicas que promovam o acesso de Libras para estudantes surdos, referente a isso a autora cita:

A minha esperança é a de que os gestores e demais profissionais da EEEL, ao tomar contato com esta pesquisa, reflitam sobre quais podem ser os próximos passos a serem dados na direção de promover uma escola em que as palavras “inclusão” e “bilinguismo” não sejam vistas como mutuamente excludentes por educadores surdos. (SOUSA, página 142, 2021)

No intuito que a Libras se torne instrumento de inclusão, necessitamos atuar em diversas frentes para que possamos acolher o direito linguístico das pessoas surdas. A pesquisa é

relevante para o meu projeto de mestrado pois mostra a importância do ensino de Libras para estudantes ouvintes ser realizado por um professor surdo, mas também destaca a importância de um intérprete para media-las.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram selecionados três artigos que continham relatos e experiências do ensino de língua de sinais a estudantes ouvintes em diferentes estados brasileiros, percebeu-se que o público alvo são crianças do ensino fundamental e Ensino médio de redes públicas de ensino, observou-se que embora os dados tratem de metodologias diferentes os resultados foram semelhantes. Alguns dados foram tabelados para melhor visualização.

Tabela 2

AUTOR -TÍTULO-ANO	OBJETIVOS PRINCIPAIS:	PRINCIPAIS RESULTADOS:
Danielle Vanessa Costa Sousa <i>“Reflexões sobre o ensino de Libras como L2 para crianças ouvintes no contexto de escolas regulares inclusivas.”</i> 2017	Introduzir e aprimorar o ensino de Libras como L2 no contexto da educação infantil, explorando ideias do campo de metodologias de ensino L2 nessas atividades. Identificar os aspectos socioculturais e situacionais que se mostravam relevantes no processo.	Notou-se que houve ganho em termos linguísticos e desmistificou a visão da professora responsável quanto a Libras, reconhecendo-a como língua. O projeto Libras na Creche (já em andamento na unidade escolar) inseriu a diversidade no contexto escolar. Como desafio a autora cita a coordenação dos grupos pois usavam línguas diferentes e essa relação é sempre complexa.
Roberta Dos Santos MESSA <i>“O ensino de Libras para crianças ouvintes: resultados de uma pesquisa-intervenção”.</i> 2018	Promover o ensino de Língua Brasileira de Sinais (Libras) para crianças ouvintes, com foco na mediação docente em brincadeiras como estratégia metodológica de ensino, verificando se as referidas estratégias colaboraram na aprendizagem para comunicação básica em Libras.	A autora conclui que: “Os achados relativos a este processo são relevantes porque podem indicar que o ensino de Libras para crianças ouvintes possibilita diversos benefícios às crianças. Pensar o ensino de Libras para crianças ouvintes surge para contemplar situações reais de comunicação possibilitando aos estudantes a participação em interações por meio de uma língua viso-espacial. É inegável que essa prática é um desafio diante da realidade da educação do sistema regular de ensino. Entretanto, essa é uma necessidade social que deve ser discutida no âmbito educacional e científico”. (MESSA, 2018)
Danielle Vanessa Costa Sousa		Os resultados da pesquisa apontam que as práticas implementadas pela Escola Experimental

<p><i>“O ENSINO DE LIBRAS PARA CRIANÇAS OUVINTES: uma pesquisa etnográfica centrada na interação em sala de aula.”</i></p> <p>2021</p>	<p>Investigar de que modo o uso da linguagem se estabelecia nas aulas de Libras da turma do 5º ano da EEEL.</p> <p>Analisar o significado atribuído pelos participantes ao uso da linguagem emergente nas aulas de Libras;</p> <p>Refletir sobre o papel da interpretação Libras-Português no contexto do ensino de Libras para crianças ouvintes</p>	<p>Emmanuelle Laborit têm caráter pioneiro no Brasil. O processo de inserção de Libras como disciplina, dá possibilidades e direção para abertura de concursos para professores efetivos de Libras, de contratação de professores surdos, e incorporação da Libras como língua adicional obrigatória no currículo do ensino fundamental, processos esses que caminham para a construção de uma sociedade igualitária entre as pessoas surdas e ouvintes.</p>
--	---	--

FONTE: AUTORA (2023)

As considerações relatadas nos artigos trazem respostas positivas para os efeitos do ensino da língua brasileira de sinais aos ouvintes, entre eles, facilitar o convívio das pessoas surdas, preparar a escola para ser inclusiva, troca de conhecimento entre surdos e ouvintes e quebra de preconceitos.

A análise dos resultados e das vivências em sala de aula apresentadas pelos autores, revela o quanto é necessária uma reflexão de como uma práxis pode contribuir para o desenvolvimento dos sujeitos. Freire (1997) pontua que:

A avaliação do contexto significa um reconhecimento do que vem nele ocorrendo, como e por quê. Neste sentido, esse pensar crítico sobre o contexto que implica avaliá-lo, precede a própria programação da intervenção que pretendemos exercer sobre ele, ao lado daqueles e daquelas com que trabalharemos. (FREIRE, 1997a, p.12)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo de revisão bibliográfica apresentamos um resumo de três trabalhos acadêmicos que aplicavam diferentes estratégias para o ensino da língua de sinais para estudantes ouvintes, nestes resumos revelamos as contribuições dos achados dos pesquisadores com destaque para os que tinham uma relevância para a dissertação de mestrado em construção.

Espera-se que com o ensino da libras seja possível ampliar a valorização das línguas (português e Libras) de modo que sejam sem hierarquias ou distinções, priorizando a necessidades comunicativas do estudante surdo e de modo que seja vantajoso para o estudante ouvinte, o qual, ao adquirir uma nova língua se torna apto e seguro em estabelecer trocas dialógicas mais significativas com o colega surdo. O ensino de Libras desperta naturaliza essa

forma comunicativa na dinâmica escolar, beneficiando surdos e ouvintes. Freire (2004) cita que o professor deve ter esperança:

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e aluno juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria. Na verdade, do ponto de vista da natureza humana, a esperança não é algo que a ela se justaponha. A esperança faz parte da natureza humana. Seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, primeiro, o ser humano não se inscrevesse ou não achasse predisposto a participar de um movimento constante de busca e, segundo se buscasse sem esperança. (FREIRE, 2004. p. 70).

Percebe-se que há necessidade de mais produções acadêmicas acerca do assunto, embora tenha-se conhecimento de escolas que já implementaram a Libras como disciplina, oficina ou projeto, existe pouco material documentado sobre o assunto, o que torna um desafio analisar os efeitos do ensino da Língua de Sinais como segunda língua para estudantes ouvintes. Gesser (2010) cita, possíveis implicações:

O processo de aquisição/aprendizagem de L2/LE é fenômeno bastante complexo, pois há nele uma variedade de fatores. Por exemplo, idade, gênero, interesse, aptidão, e fatores sócio-psicológicos como motivação, personalidade, atitude, estilo cognitivo, estratégico são de suma importância para se compreender se ocorre e como ocorre a aprendizagem pelos alunos. Essa pleora (superabundância) de variáveis não permite respostas fáceis ou seguras sobre o assunto. (GESSER, 2010)

Conclui-se, portanto, que embora o ensino de Libras nos artigos analisados demonstrem apontamentos positivos para ouvintes, como por exemplo reconhecimento e valorização da língua, é necessário mais pesquisas acerca do assunto, para que novas metodologias possam ser estudadas com o intuito de que o ensino de Libras seja mais eficiente e possa assim produzir trocas dialógicas mais significativas.

REFERENCIAS

Alves, E.G; Frassetto S.S. (2015). Libras e o desenvolvimento de pessoas surdas. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942015000100017. Acesso em: 25 de jun. de 2023.

Brasil. (2002). *Lei Federal N. 10436 de 24 de abril de 2002: Oficializa a Língua Brasileira de Sinais em território nacional*. Brasília 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm>. Acessado em: 26 de jun. de

2023.

Cibeleraris. História da Libras (língua brasileira de sinais). Disponível em: <https://adaptareincluir.wordpress.com/2012/12/26/historia-da-libras-lingua-brasileira-de-sinais/> . Acesso em: 24 jun. 2023.

Cunha Neto, J. H.; Castro, A. E. Pesquisa em educação: discussões iniciais para a construção de uma investigação científica. Cadernos da Fucamp, v. 16, n. 27, p. 80-88, 2017.

Freire, Paulo. Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

Fontenelles, M. J , Simões, M.G , Farias, S.H e Fontenelles, R. G.S . Metodologia da pesquisa científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa.. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C8_NONAME.pdf. Acesso em: 26 de jun. de 2023.

FONTANA, F. Técnicas de pesquisa. In: MAZUCATO, T. (org.). Metodologia da pesquisa e do trabalho científico. Penápolis, SP: FUNEPE, 2018. p. 59-78.

Góes, M. C. R. (1996). Linguagem, surdez e educação. São Paulo: Autores Associados.

HORA, Mariana Marques da. Pessoas surdas e judiciário: (in)acessibilidade e direitos linguísticos no TJPE e TJCE. 2020. Dissertação (Mestrado Acadêmico ou Profissional em 2020) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2020. Disponível em: <http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=100807> .Acesso em: 05 nov. 2023.

Neto, J. H. C; Castro, A. E. Pesquisa em educação: discussões iniciais para a construção de uma investigação científica. Cadernos da Fucamp. Monte Carmelo, MG, v. 16, n. 27, p. 80-88, 2017.

Messa, Roberta dos Santos. O ensino de libras para crianças ouvintes: resultados de uma pesquisa-intervenção. 115p.2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) - Universidade Fwederam do Pampa, Campus Jaguarão, Jaguarão, 2018

Rodriguero, C. R. B. (2000). O Desenvolvimento da Linguagem e a Educação do Surdo. *Psicologia em Estudo*. 5(2), 99-116.

Sousa, Danielle Vanessa Costa. Reflexões sobre o ensino de libras como L2 para crianças ouvintes no contexto de escolas regulares inclusivas. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-graduação em Linguística, Florianópolis, 2017.

Sousa, Danielle Vanessa Costa. O ensino de libras para crianças ouvintes: uma pesquisa etnográfica centrada na interação em sala de aula. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-graduação em Linguística, Florianópolis, 2021.

Skliar, C. (2015). A Invenção e a Exclusão da Alteridade "deficiente" a partir dos Significados da Normalidade. *Educação & Realidade*, 24(2).

Skliar, C. A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

Vygotsky, L. S. (1984). *Formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.